

## A GRATIDÃO DO LEIGO PASSIONISTA

"O agradecimento é a mais elevada oração do cristão, o seu verdadeiro rosto. A ação de graças recorda naturalmente o acontecimento central da fé cristã: o dom do Filho Jesus Cristo que Deus Pai, no seu imenso amor, deu à humanidade (cf. *Jo 3,16*). Deus não condenou a humanidade pecadora, mas preferiu assumir o pecado humano a fim de conceder a salvação "*ex abundantia amor sui*" (da abundância do seu amor). Portanto, "*É verdadeiramente bom e justo, nosso dever e fonte de salvação, dar-vos graças sempre e em toda a parte, ó Senhor, Pai santo, Deus onnipotente e eterno, por Jesus Cristo nosso Senhor*" (prefácio do Ritual Romano)".

"A Bíblia insiste em recordar o amor de Deus e os feitos dos grandes crentes. O carisma passionista nasceu para despertar, para remover o esquecimento, a indiferença que torna vaidosa a cruz de Cristo. A fórmula mais simples do carisma passionista é "*Passio in cordibus*" (a Paixão no coração), ou seja, a lembrança contínua no coração de tudo o que o amor de Cristo fez por nós: "*Memores Passionis Domini*" (fazer memória da Paixão do Senhor).

O carisma é oferecido à Congregação, a todos nós, mas **a salvação é apenas de quem não se detém no dom, mas mantém uma relação de gratidão com o Dador**. Esta relação é explicitamente pedida no Evangelho: dos dez curados por Jesus (*Lc 17,11-19*) a apenas um deles o Senhor disse: "A tua fé te salvou" (*Lc 17,19*). Apenas aquele que "voltou para trás", para dar graças foi "completamente" salvo.

Poderíamos enriquecer esta comparação entre o Evangelho e a Congregação Passionista com observações adicionais: a celebração do jubileu dos 300 anos não será frutuosa nem salvífica se for reduzida a celebrações, monumentos, reestruturações externas, e não a um momento de conversão à Paixão do Senhor, à sua centralidade na fé cristã e na vida e missão da Congregação. De facto, o Superior Geral recomendou várias vezes que o aniversário deveria ser realmente um regresso à compreensão, apreciação e vivência do carisma de Paulo da Cruz no mundo atual.

**A Congregação "regressa" aos seus 300 anos de vida** para pedir e obter o perdão divino pelos seus pecados cometidos durante estes três séculos de vida, mas sobretudo para dar graças, não com uma simples fórmula de oração, mas com a resposta adequada de todas as

nossas pessoas perante a Paixão do Senhor. A emoção resultante do amor obstinado de Deus por nós, deve, sem nos apercebermos, deixar-nos inevitavelmente de joelhos"<sup>1</sup>.

Nestes 300 anos de dons dados à Igreja através do carisma passionista, recentemente notamos com alegria o dom do nascimento da **Família Passionista, alargado não só às várias Congregações de Irmãs e ao Instituto Secular da Paixão, mas também aos Leigos e Leigas dos múltiplos Grupos laicais passionistas** e, em particular, pelo seu caminho comum e coordenado, que considero, por agora, como o último florescimento das convicções de Paulo da Cruz da utilidade e necessidade de partilhar a espiritualidade da "*Memoria Passionis*" de nós para os Leigos e vice-versa.

**O nascimento e o dinamismo crescente da gratidão a Jesus Cristo são uma consequência imediata da "*Memoria Passionis*" do Senhor.** O crente é renovado e cresce num estado perpétuo de ação de graças convicta, se não "*esquece*" que é sempre um devedor insolvente do amor recebido de Deus no sacrifício e morte de Cristo: quanto mais contínua é a memória d'Ele na cruz, mais contínua é a nossa ação de graças a Ele. Só os esquecidos pensam que não têm necessidade de agradecer a ninguém, nem mesmo a Deus. Só se estivermos convencidos de que estamos vivos porque somos o fruto da misericórdia de Jesus Crucificado, é que respiramos uma inexplicável serenidade subjacente, apesar de tudo, mesmo em momentos de julgamento.

**O convite de Paulo da Cruz** para não "*esquecer*" ou "*desmemoriar*" a Paixão de Jesus, privilegiando, entre todos os outros, os meios de "meditação" e da "Eucaristia", não era apenas para a conversão como mudança moral do pecado para a graça, mas também como uma **evangelização do próprio sentimento religioso**, para que não se reduzisse à mera "*luta*" obséquio e obediência aos mandamentos de Deus e da Igreja, mas à "*alegria*" de ser amado, acariciado por Deus. **Paulo da Cruz**, não é só o homem ou o santo dos "*deveres morais*" ligados aos mandamentos de Deus, mas da "*mística*", ligada aos dons de Deus dados ao homem, e que, unicamente, gera a mais total serenidade existencial: uma coisa era importante para ele e ele recomendava sempre a todos: "*paz interior, paz de coração*".

**A mais bela jaculatória** que o Fundador nos ensinou é: "***Senhor, agradeço-te por teres morrido na cruz pelos meus pecados.***" Devemos começar o dia com este agradecimento, e então comparecerá a nossa devida resposta ao amor de Deus através da fidelidade aos deveres do nosso estado de vida.

---

<sup>1</sup> P. LEONE MASNATA, Boletim de Comunicação do Jubileu, No. 02. P. 05

No início desta viagem de comunhão entre os Grupos dos nossos Leigos utilizei a **"parábola" da família** que gera filhos, que depois partem e formam outras famílias, mas de vez em quando, especialmente em certas ocasiões ou aniversários, regressam ao fogo inicial (chama ou fogueira) para se regenerarem nas suas próprias origens, enriquecendo-se uns aos outros com a narração das suas próprias experiências, mesmo que por vezes negativas. Desta forma, mantendo-se em comunhão entre si, crescem favorecendo novos e inesperados frutos das raízes iniciais, e **transmitem o carisma enriquecido** pelas experiências de todos, **que o Papa Francisco afirma ser a melhor forma de transmitir o carisma** entre gerações que se sucedem umas às outras.

**Agora gostaria de ir ainda mais longe no conceito de ação de graças cristã, dando importância à "parábola do fariseu e do publicano no templo". (Lc 18,9-14). No versículo 11 o fariseu reza assim: "Ó Deus, agradeço-te por não ser como os outros homens, ladrões, injustos, adúlteros; nem eu sou como este cobrador de impostos".** O melhor início da oração é agradecer a Deus, louvá-Lo, mas o fariseu sublinha na sua "ação de graças" não a Deus, mas a si próprio com orgulho! Ele agradece a Deus, colocando a ênfase não na graça de Deus pelo que ele não é e pelo que faz, mas em si próprio, estando satisfeito com o que ele é e o que faz. **Além disso, ao dar graças, esquece o maior mandamento: amar a Deus e ao próximo (cf. Mt 22,36-40).**

**O Papa Francisco, na conclusão do Sínodo sobre a Amazônia, comentou assim: "O drama deste homem é que ele está sem amor. Mas mesmo as melhores coisas, sem amor, de nada servem, como diz S. Paulo (cf. 1 Cor 13). E sem amor, qual é o resultado? Que no final, em vez de rezar, elogia-se a si próprio. Na verdade, ele não pede nada ao Senhor, porque não se sente em necessidade ou em dívida, mas sente-se credor. Ele permanece no templo de Deus, mas pratica outra religião, a religião do eu. E muitos grupos "ilustres", "cristãos católicos", enveredam por este caminho. E para além de Deus, esquece-se do seu próximo, na verdade despreza-o: isto é, para ele, não tem preço, não tem valor. Considera-se melhor do que outros, a quem chama, literalmente, "os restantes, o resto" ("loipoi" em grego, Lc 18,11), "remanescentes", descartados dos quais nos devemos distanciar... Quanta suposta superioridade se transforma em opressão e exploração, ainda hoje com a "exploração da criação, das pessoas... do tráfico de pessoas, do comércio de pessoas! A religião do "Eu" continua, hipócrita... Tantos são católicos, confessam ser católicos, mas esqueceram-se de ser cristãos e humanos, esquecem-se do verdadeiro culto a Deus, que passa sempre pelo amor ao próximo. Mesmo os cristãos que rezam e vão à Missa aos domingos são sujeitos desta religião do ego".**

Leon Morris escreve sobre isto: "*O que o fariseu disse sobre si próprio era absolutamente verdadeiro, mas o espírito que animava a sua oração estava completamente errado. Nele não se percebe nenhum sentimento de pecado, nenhuma manifestação de necessidade ou humilde dependência de Deus...O fariseu lança os seus olhos sobre Deus, mas contempla a si mesmo! Depois das palavras iniciais ele já não se volta para Deus, mas é ele próprio que permanece no centro da cena*".

**Agradecer porquê e para quê?** Já estas questões são indicações de humanidade que acredita não ter de agradecer a ninguém, que se fez a si própria com a sua própria força, inteligência e ciência. São sentimentos de autossuficiência que vêm de longe, **do orgulho humano de Adão e Eva** e que ainda poluem a vida da humanidade enquanto, desde o início, tinha aprendido a agradecer a Deus, o Pai de tudo e de todos.

**No Boletim Jubilar nº 2** resumi algumas razões pelas quais os Passionistas, seja religioso seja leigo, deve dar graças a Deus durante estes 300 anos da nossa Congregação<sup>2</sup>.

Mas, especialmente para os leigos que vivem mais em contacto com o mundo e no mundo, existem formas específicas de ação de graças a Deus que **deveriam ser uma forma evangélica de afirmar as razões da nossa esperança em Cristo, por exemplo, recordando como era o mundo antes de Cristo** e perguntando-nos porque é que o mundo que também se desenvolveu economicamente mais e mais cedo é aquele que aceitou o Evangelho do Filho de Deus, aquele que aprendeu com a parábola dos talentos (Mt. 25: 14-30) que **o próprio futuro não depende do destino ou da vontade dos antepassados, mas sobretudo do usar e fazer frutificar os talentos recebidos.**

---

<sup>2</sup> **São Paulo da Cruz** que transmitiu à Congregação um carisma muito claro, o da Memória da Paixão do Senhor, convencido de que nele reside tudo: "Senhor, agradeço-te que morreste na Cruz pelos meus pecados".

2. **A vocação passionista**, que se estendeu aos Contemplativos Passionistas e Religiosos, ao Instituto Secular da Paixão e, ultimamente, aos Leigos, agora considerados não só como o ponto terminal da atividade missionária, mas como parte da Família Passionista

3. **A orientação sapiencial característica** que na Cruz e Ressurreição do Senhor condensa o mais alto conhecimento do Rosto de Deus (teologia), o valor mais verdadeiro da própria vida (psicologia), a atividade mais generosa de serviço aos outros, especialmente aos mais fracos (socialidade)

4. **Santidade e martírio**: a nossa espiritualidade deu à Congregação e à Igreja uma multidão de santos e beatos, conhecidos e desconhecidos, e mártires.

5. **Presença missionária em muitas partes do mundo** para comunicar o poder da Páscoa aos pecadores, aos perdidos, aos crucificados pela pobreza, pela injustiça, pela doença...

6. **A caridade**, as montanhas de amor e perdão entre confrades que durante 300 anos construíram e reconstruíram as nossas comunidades locais

7. **A insatisfação construtiva e criativa** que se tem traduzido em investigação contínua, para tirar do Mistério Pascal riquezas inexploradas e novos métodos apostólicos

8. **A certeza da vida eterna**: é a promessa que a Igreja nos fez ao aceitar a nossa profissão religiosa, "cem vezes nesta vida e a vida eterna na próxima" (Mc 10,29).

Hoje há uma onda de **assédio incessante à rede e à própria sociedade, de vilipêndios e insultos contra os cristãos e especialmente contra Cristo: a batalha, de facto, não é contra o "exército" de cristãos, mas contra o seu "General", Jesus de Nazaré. A aniquilação dos símbolos cristãos é defendida por uma igualdade exaltada da democracia, mas na verdade é um projeto de extirpação do cristianismo no mundo. Ficamos surpreendidos com a forma como o mundo foi esvaziado de Deus: abomináveis blasfêmias e insultos tornaram-se quase uma forma de saudação ao crente, julgado como alguém que não tem lógica de pensamento. Afirma-se que a cultura é a única arma que nos pode salvar, não a obediência a preceitos morais cristãos. Portanto, para o mundo, Cristo e o seu Evangelho são subversivos porque no centro colocam o amor de Deus pela humanidade e o amor e obediência da humanidade a Deus, enquanto o homem quer ser o árbitro de tudo, e acredita que está assim a preparar um mundo melhor. Estamos aqui para agradecer a Deus porque Ele já trouxe os ingredientes e começou com Cristo para tornar esta humanidade melhor.**

**Ver a mão de Deus na criação e em cada criatura é hoje uma grande e árdua missão, mas também uma grande liberdade, contra a secularização forçada pela exaltação do materialismo e do mecanicismo que se tornará cada vez mais opressivo. A melhor apologética é "*gentil*": não o confronto dialeticamente violento que convence todos a permanecerem enraivecidos nas suas próprias ideias, mas a "*ação de graças a Deus*" como o melhor testemunho da nossa fé: o que para os outros é motivo de blasfêmia para nós é agradecer ao Criador. Lutamos "*agradecendo*": isto também é "*loucura*" da Cruz.**

**Não podemos ignorar os efeitos positivos da religião; pelo contrário, devemos utilizá-los para uma apologética moderna saudável e pacífica, que é urgente tanto do ponto de vista científico como pastoral. A apologética por si só não se converterá certamente, mas pelo menos desmantela a suposta solidez racional daqueles que acusam a fé da subcultura ou ficção científica: é uma forma de "*responder a qualquer um que nos pergunte a razão da esperança que há em nós (1Pd 3,15)*".**

**Um dos maiores perigos é o desconhecimento do papel que o cristianismo tem desempenhado ao longo dos séculos.**

**A destruição do Império Romano não foi obra do cristianismo, mas uma combinação de decadência romana e invasão bárbara.**

**A evolução da política também** depende muito do ensinamento de Cristo (*Mt 22,21*) para **entregar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus**, dando origem à separação entre Igreja e Estado que ajuda a evitar os excessos de um Estado teocrático, dá origem ao conceito de governo limitado, ou seja, que o poder do Estado tem um limite e deve respeitar a consciência de cada pessoa individual e deve ser uma fonte de paz social e de liberdade religiosa.

**As mesmas regras básicas da economia** foram elaboradas pelos teólogos na Idade Média, e os mosteiros espalhados por toda a Europa eram importantes centros de atividade económica.

**A ciência também** deve muito ao cristianismo, apesar do facto de a religião ser normalmente considerada em contraste com ela. Num discurso, **Bento XVI**<sup>3</sup> atribuiu o desenvolvimento da ciência moderna à importância que o cristianismo deu à razão: a ciência moderna baseia-se na contribuição do cristianismo medieval e as grandes descobertas científicas foram em grande parte obra de cristãos. Tanto nas universidades, fundadas pela Igreja durante a Idade Média, como nos mosteiros, os conhecimentos científicos foram preservados e desenvolvidos. De facto, o cristianismo, em grande parte através do monaquismo católico, preservou o conhecimento e a ciência. A arte, literatura e música ocidentais também devem muito ao cristianismo.

**Mas na mente dos nossos contemporâneos** não passa a admissão de que houve santos (Agostinho, Anselmo, Tomás de Aquino), homens de letras (Dante e Manzoni), cientistas (Galilei), matemáticos (Pascal), filósofos (Séneca, Leibniz,), músicos (Bach) que combinaram filosofia, arte, ciência, literatura, matemática, com a busca constante de Deus, porque para eles Fé e Ciência eram realmente duas asas do mesmo corpo voando na mesma direção, a Verdade.

**Mas a maior contribuição do Cristianismo diz respeito à dignidade humana:** defendeu a dignidade de todos, mesmo dos pecadores, e exigiu respeito mesmo para com os mais pobres e os mais marginalizados. **Os preceitos cristãos da caridade e do amor recíproco** estão na base do desenvolvimento de instituições como hospitais e orfanatos, que hoje em dia são tidos como garantidos por muitas pessoas que esqueceram as suas origens. Assim, com Cristo o último torna-se o primeiro, e por isso qualquer solução de "*super-homem*" (**Nietzsche**) é condenada. Se o Ocidente abandonar o cristianismo, corre o risco de minar os

---

<sup>3</sup> BENTO XVI, no "Discurso de Regensburg" de 26 de setembro de 2006.

valores da dignidade e da igualdade entre as pessoas humanas, enquanto estes mesmos conceitos contidos em muitas formulações constitucionais modernas dos povos, são próprios do cristianismo.

O cristianismo inspirou o fim da escravatura, a promoção da democracia e a autodeterminação dos povos, bem como **as primeiras tentativas de formulação de uma doutrina de direitos humanos. De facto, a Declaração Universal dos Direitos do Homem**, adotada pelas Nações Unidas em 1948, baseia-se na premissa de que cada vida humana tem valor e que todas as vidas são iguais. Este ensino não se encontra em todas as culturas e religiões, mas deriva do cristianismo. Do Evangelho vem o conceito de que os líderes devem ver-se como servos dos outros, uma base indispensável para uma boa governação política e social.

**Agora perguntamo-nos se é melhor o mundo onde estão em vigor a Sharia**, bruxaria, destino, superstições, assassinato de fracos, imperfeitos ou delinquentes, etc. Antes de Cristo, a humanidade estava dividida entre os livres e os escravizados, com os últimos vivendo como animais de carga ou brinquedos para os primeiros. Até o grande Aristóteles pensava que isto estava certo. As mulheres eram propriedade do seu pai e do marido, depois compradas e vendidas, objeto de usufruto. O aborto era normal e legalmente reconhecido. O aborto seletivo, em detrimento das fêmeas, também. Todas estas coisas, é verdade, estão, infelizmente, de novo na moda, mas hoje, pelo menos alguém está indignado, enquanto antes era uma situação pacífica. E os doentes? Durante a **peste de Alexandria**, relatam as crónicas, os pagãos ficavam surpreendidos por causa dos cristãos prestarem assistência às vítimas da peste e terem tomado conta delas. Os cristãos organizaram também a sua "*caridade*" e surgiram os hospitais<sup>4</sup>.

**Assim, a importância e a centralidade social do casamento e da família** cujos fundamentos foram introduzidos na sociedade pelo Cristianismo, motivo pelo qual a família já não está subordinada ao Estado, mas é elevada através do sacramento do matrimónio. O cristianismo também introduziu a exigência do consentimento de ambos os cônjuges para que haja casamento; um elemento essencial para evitar que as pessoas sejam pressionadas a casar contra a sua vontade.

---

<sup>4</sup> Existe um dicionário elementar da civilização católica: Scoperte. Conquiste, Traguardi (a cura di G. Barra, M. A. Iannaccone, M. Respinti, ed. Istituto di Apologetica) [em português: Descobertas. Conquistas, Objectivos (editado por G. Barra, M. A. Iannaccone, M. Respinti, ed. Institute of Apologetics)]

Desta forma, pode-se convidar o homem contemporâneo a refletir sobre a contribuição que o cristianismo deu à humanidade e este pode apreciá-la do ponto de vista humano e cultural, e a **questionar-se sobre a causa que produziu estes efeitos no mundo. A fé, porém, continuará sempre a ser um dom de Deus e não uma consequência do nosso raciocínio, mas pelo menos teremos respeito pela verdade**: o discurso da fé também pode começar por isto. O caminho "per visibilia, ad invisibilia" (do visível ao invisível) segue o percurso indicado por Jesus no Evangelho: "Que a vossa luz brilhe assim diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e deem glória ao vosso Pai que está nos céus (Mt 5,16)".

**O Leigo passionista em cada ocasião é Igreja** que torna "o cristianismo aceitável" com o seu "**cristianismo aceite**", ou seja, vivido abertamente como ação de graças a Deus, dador de todo o bem, e razão de toda a nossa vida.

**Voltando novamente à parábola do fariseu e do publicano, essa é sobretudo um convite a que cada um olhe para dentro de si**, porque fala de algo negativo enraizado em cada um de nós. É fácil que o amor de Deus se transforme em **amor idólatra de si mesmo**, trocar aquilo que Deus opera em nós como algo nosso, como um sucesso pessoal. Paulo o apóstolo diz, falando do seu ministério: "**Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi em vão; na verdade, trabalhei mais do que todos eles; não eu, porém, mas a graça de Deus que está comigo**" (1 Cor. 15:10). Por isso mesmo, o apóstolo não se vangloria em si mesmo, mas glorifica Deus, dizendo que tudo o que fez é pela graça de Deus! Mais uma vez escreve: "**Aquele que se vangloria no Senhor**" (1 Cor 1,31).

É necessário, portanto, **partir da própria verdade**<sup>5</sup>, ou seja, como disse Jesus, "*entrar no próprio quarto*" (cf. Mt 6,1-6) e encontrar a própria inquietação do coração **sobre o sentido da vida**, sobre a dor e a alegria, sobre o medo da morte, reconhecer os próprios pecados, as fragilidades, os bloqueios interiores, os fracassos, a "**intrusão do Eu**" **que quer estar sempre no centro**. Diante do "**silêncio de Deus**" é preciso deixar o amor do "**Deus crucificado**" falar acima de tudo, o que nos assegura que somos livremente amados por Aquele que assume os nossos pecados para nos salvar, está do nosso lado, "*sofre*" por nós e conosco: no Crucifixo está o "**nó**" da relação entre morte e vida, dor e alegria, fracasso e sucesso, frustração e desejo, humilhação e exaltação, desespero e esperança... **No Crucifixo ocorre a separação entre pecado e dor**, entre pecado e castigo: o pecado é nosso, a dor e o castigo é Dele.

---

<sup>5</sup> Cf. CARLO MARIA MARTINI, "*Regola di vita*," Milão, 31 de julho de 1996): muitas destas reflexões são retiradas deste texto.

Sem o Crucifixo não podemos dar sentido à alegria e à dor, à morte e à vida, etc., como, pelo contrário, homens e mulheres tentam fazer hoje com o barulho, o frenesim, o dinheiro e a diversão, o prazer, o poder, a droga...

**A ação de graças a Deus é o reconhecimento de que Ele nos ama verdadeiramente como ninguém**, por isso **a identidade da fé cristã, repetimos, é verdadeiramente ação de graças** perante a qual não temos outra escolha senão "**rendermo-nos a Deus**" e assim desmentir o aparente absurdo das nossas vidas. A viagem cristã é uma passagem "**do reconhecimento à gratidão**": grato porque amado pelo Crucificado, sinto-me chamado e atraído por Ele, por isso o meu cristianismo não é acima de tudo voluntarismo, mas reconhecimento e gratidão, ação de graças. Em suma, **o cristianismo é acima de tudo gratidão e agradecimento a Deus** porque a parte mais importante do meu valor e dignidade é definitivamente aquela ligada ao Seu livre operar por mim, não tanto à minha resposta por Ele. Estou certo disso porque o Senhor Jesus mo revelou na Cruz: mistério de amor infinito da Trindade que me acolhe no Seu seio e me mantém "*escondido com Cristo em Deus*" (Col 3,3).

A gratidão não é relegada à descoberta de sermos amados uma vez no Batismo, mas na **continuidade do amor do Crucificado que se prolonga, sem segundos pensamentos, na ação da Igreja**:

- **no seu anúncio, ou seja, o Evangelho de Jesus** com os factos históricos e as indubitáveis palavras da sua vida. Nunca compreenderemos plenamente a graça de ter Deus como nosso Mestre (o Espírito Santo) e o Evangelho como regra de vida, se não soubermos, mesmo superficialmente, o desespero daqueles que não têm rumo na vida, que não sabem que escolhas fazer, que não conhecem o sentido ou o destino da vida... **Trosky**, um dos protagonistas da revolução bolchevique, disse a um amigo crente: "*Estás deitado em silêncio na tua cama, enquanto eu vivo na angústia do ateísmo que não me oferece uma base segura de que alguma coisa em mim faça sentido*".

- **na oração pessoal, litúrgica e comunitária, o verdadeiro lugar ou momento da gratuidade do Deus dador** e, ao mesmo tempo, a ação de graças e a resposta à Palavra de Deus que me desafia e me alcança na minha fraqueza e no meu silêncio. Em oração, antes de declarar o meu amor por Deus, deixo-me amar por Deus, confio-me a Ele, num espírito de louvor e de ação de graças. **Em particular para nós, Passionistas, a importância da oração silenciosa, da meditação**, da memória da Paixão na qual conheço o verdadeiro rosto de Deus e tenho uma resposta para as verdadeiras questões da vida. **No silêncio! Ele fala no silêncio da Cruz de**

**Cristo:** sem o Espírito ninguém poderia supor que a resposta às nossas perguntas está na Cruz de Cristo, porque a Cruz de Cristo humanamente não é uma resposta positiva, mas um escândalo e uma idiotice. Só com o Espírito é que ela se torna sabedoria e poder, vida, ressurreição.

- Nos Sacramentos, presença sensível d'Ele, que se ofereceu por nós até à morte e nos deu vida. **No Batismo** somos recebidos no coração da Trindade e a vida e o amor dos Três são comunicados ao nosso coração. Somos divinizados, dizem os Padres da Igreja ante este milagre. Ser cristão ou não ser batizado não é uma questão de maior ou menor conhecimento dos dogmas religiosos, na verdade um não crente, por paixão e estudo, poderia conhecer mais elementos e verdades de fé em relação ao que o mesmo crente pode conhecer, a diferença reside no facto de o batizado já não ser apenas corpo e alma, mas corpo, alma e Espírito Santo: ou seja, é uma nova criatura, teve um novo nascimento, o famoso **nascimento "de cima"** do qual João fala no episódio de Nicodemos. Somos habitados pelo Espírito.

*Assim, nos Sacramentos, na Palavra, na oração e na Caridade* temos uma contínua cascata de dons divinos: conhecemos a Sua vontade, reconhecemos e pedimos e obtemos perdão dos nossos pecados, renovamos a ação misteriosa do Espírito Santo permanente em nós, *"espírito de sabedoria e intelecto, espírito de conselho e virtude, espírito de conhecimento e piedade, espírito de santo temor"*, tornamo-nos Igreja ao assumirmos o pão eucarístico, deixámo-nos guiar por estes dons de Deus, confortados e sustentados em cada situação pela presença fiel de Jesus, que nunca falha nas Suas promessas.

**Yves Congar**, a fim de nos ajudar a compreender a presença misteriosa e eficaz da Pessoa do Espírito Santo em nós, contava como um amigo seu, que não era batizado e não tinha educação religiosa, se tinha afeiçoado a uma sua colega estudante. Quando ele lhe pediu para ir mais longe na intimidade, ela recusou. *"Porquê"*, perguntou ele? *"Sou cristã"*, respondeu ela. *"Então"*, confidenciou ele, *"percebi que ela era habitada."* *"O Espírito de Deus habita em vós"* (1 Cor. 3:16), como de facto afirmava já São Paulo apóstolo.

**Como é que se responde aos dons de Deus? Como agradecer a Deus por eles?**

**Comunicando o que nos foi dado: o que recebemos gratuitamente de Deus, devemos oferecer gratuitamente àqueles a quem o Senhor nos envia.** Os dons não são imediatamente devolvidos Àquele que os deu a nós, mas devem dar fruto e dão fruto se não os

enterrarmos no nosso próprio solo, mas comunicamo-los aos outros, devolvemo-los a Deus enriquecidos pelo bem feito ao nosso próximo. Partir também nós por Emaús, lugar de encontro com o Senhor Ressuscitado e partilhar o seu anúncio à comunidade.

**Portanto, a melhor forma de ação de graças evangélica é comunicar aos outros as maravilhas que Deus opera em nós.** Deus nada mais recebe do que aquilo que já é, recebendo as nossas ações de graça, que em todo o caso lhe são devidos. No Evangelho há vários episódios em que os curados da lepra (cf. Mc 1:40-45), ou da possessão diabólica (o possuído de Gerasa, Mc 5:1-20), gostariam de se juntar ao grupo de discípulos e seguir Jesus, mas Jesus não consente, mas diz a todos para irem e anunciarem e comunicarem ao seu povo a graça recebida. Isto significa "*tornar-se próximo*", dando aquilo que Deus nos deu e deixando-se de livre vontade enriquecer pelos seus tesouros.

#### **As formas concretas de devolver os dons de Deus são:**

- Permanecer como *consciência vigilante da sociedade* na variedade de situações da vida, indicando e escolhendo sempre o que é mais agradável a Deus, e em diálogo com a Igreja ser crítica da miopia de tudo o que é menos do que Deus, pronta a denunciar tudo o que ofende ou manipula a dignidade do ser humano, livre e decidido no anúncio da fé. Não seremos uma consciência vigilante ao nível dos jornais ou da televisão, mas nas relações humildes e diárias com aqueles que nos são próximos recordamos a necessidade de estar ancorados à vontade de Deus: "*A exigência moral torna-se cada vez mais uma legislação autónoma do homem, enquanto o apelo do sentimento a Deus desvanece progressivamente e o bem, desligado da sua raiz metafísica, perde a sua força vinculativa. Daí a profunda crise da consciência moral do nosso tempo. Em grande medida o homem já não compreende por que razão deve renunciar, por amor ao bem, a coisas que lhe parecem úteis ou fazer outras coisas que exigem sacrifício; segue-se o niilismo ético: graças a ele ... a verdadeira e própria motivação ética, ou seja, a da suprema altura do sentido do bem, desaparece e é substituída pela que deriva da motivação ligada ao aumento da vida, à utilidade e finalmente ao prazer*"<sup>6</sup>.

- A espiritualidade do trabalho: na própria atividade de trabalho ter sempre a intenção de fazer tudo para a glória de Deus e o bem maior do próximo. Esta espiritualidade do trabalho torna-se uma forma concreta de dar graças a Deus pelos seus

---

<sup>6</sup> ROMANO GUARDINI, "Ética. Lezioni all'Università di Monaco (1950-1962)", Morcelliana, Brescia 2001, p. 467.

dons e de viver a restituição a Ele de tudo o que Ele nos deu livremente, chamando-nos à vida e à fé.

- **Educando** a dar livremente aos outros o que nos foi dado livremente. A própria educação é uma forma elevada de restituição dos bens recebidos de Deus, o dador de dons.

- **O estilo de vida sóbrio**, tanto pessoal como comunitário, não apenas como imitação de Jesus pobre e crucificado, mas também como contestação mais credível aos falsos modelos da sociedade consumista e do hedonismo generalizado. Devemos manifestar uma nova hierarquia de valores, segundo a qual a verdadeira felicidade e o verdadeiro bem não consistem em possuir mais, mas em ser mais na verdade e no amor, ou seja, no dom de si aos outros seguindo o exemplo de Cristo Senhor.

- **Missão**: aqueles que encontraram o Senhor na comunhão da Igreja não podem deixar de sentir a necessidade de proclamar aos outros a boa nova do amor de Deus que eles experimentaram.

O Papa Francisco afirma: *"A fé, para mim, nasceu do encontro com Jesus. Um encontro pessoal, que tocou o meu coração e deu uma nova direção e um novo significado à minha existência. Mas ao mesmo tempo um encontro que se tornou possível pela comunidade de fé em que vivi e graças ao qual encontrei acesso à inteligência da Sagrada Escritura, à vida nova que como a água que brota de Jesus flui através dos Sacramentos, à fraternidade com todos e ao serviço dos pobres, imagem verdadeira do Senhor. Sem a Igreja - acredite em mim - não teria sido capaz de encontrar Jesus, mesmo na consciência de que esse imenso dom que é a fé é guardado nos frágeis vasos de barro da nossa humanidade".*

## Conclusão

Não sei se adivinhei o género de discurso que me foi pedido. Pensei, contudo, dirigindo-me a pessoas que vivem junto da indiferença, ateísmo e hostilidade preconceituosa contra o cristianismo e a Igreja, para estender o "obrigado" ao Senhor também pelos benefícios que o Evangelho trouxe à humanidade. Sempre sonhei com os leigos passionistas não só interessados em salvar e revigorar a fé entre nós, mas como uma presença profética no mundo de hoje, capaz

de **desmascarar as loucuras do orgulho humano com a "sabedoria da cruz"**. Devemos, no entanto, estar equipados para responder às muitas objeções à fé em geral e à fé cristã em particular. Sei que juntos tentamos ser fiéis no testemunho "doméstico" da fé entre nós, mas tal como Paulo da Cruz, somos missionários e podemos e devemos demonstrar que não depositámos as nossas esperanças num fideísmo sem razão, mas, pelo contrário, seguimos uma fé "*justificada*" por resultados de bem-estar para a humanidade, já aqui e agora não apenas no futuro.

**É, talvez, desapropriado este discurso?** Não me parece, dado que até Jesus assumiu que poderíamos encontrar-nos diante de tribunais humanos por causa d'Ele, mas não sugeriu que nos calássemos, pelo contrário, o próprio Espírito Santo haveria de nos sugerir as palavras a serem ditas.

Surpreendemo-nos como 12 apóstolos de um Messias crucificado conseguiram iniciar uma religião que em pouco mais de 300 anos se tornou a mais difundida no Império Romano, o maior império da época. Não tinham grandes meios económicos, não estavam protegidos pelos poderosos que ao invés perseguiam esta nova fé, pregavam entre os pobres e fracos. Tinham a presença do Espírito Santo que iluminava, consolava e dava a coragem de testemunhar. Os cristãos apareceram como verdadeiros amantes da humanidade, especialmente ao cuidarem dos pobres, dos doentes de peste ou contagiosos, enquanto outros fugiram, eles pararam para cuidar deles, arriscando as suas vidas. Mas também combateram corajosamente erros e heresias, enfim, mostrando que o cristianismo oferecia à pessoa "*uma vida mais atrativa, segura e feliz*"<sup>7</sup>. **No momento oportuno, depois do diálogo, não usaram violência contra os inimigos da fé e da Igreja, mas responderam com o martírio, o seu maior agradecimento ao Mártir divino, Cristo Crucificado!**

---

<sup>7</sup> Cfr RODNEY STARK "*Elevação e Afirmação do Cristianismo. Como um movimento obscuro e marginal se tornou em poucos séculos a religião dominante do Ocidente*" e "*A Cidade de Deus*". "*Como o Cristianismo conquistou o império romano*", Ed. Lindau 2020; Em ambos os volumes, o autor recolhe os vários testemunhos históricos para tentar desvendar o mistério do sucesso cristão através da aplicação rigorosa de métodos científicos e ferramentas sociológicas. Nos anos 300-350 já existiam 32.000.000 cristãos. O aspeto mais fascinante é aprender que o sucesso está certamente ligado ao Senhor Jesus que nunca abandonou o barco de Pedro, mas também à fiel pregação do Crucificado, Deus na Cruz, à condição das mulheres nas comunidades cristãs, que eram muito mais estimadas e respeitadas do que no mundo greco-romano, à impressão nos pagãos das obras de caridade e amor fraterno dos cristãos, ao cuidado dos mais fracos, ao amor para com os outros, para com todos, mesmo não-cristãos, à recusa da vingança com a escolha de perdoar os inimigos, à aceitação heroica do martírio...